

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
INSTITUTO DE ARTES - IDA
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS - VIS

EDUCAÇÃO&MODA&ARTE: UMA INTERAÇÃO PEDAGÓGICA

CRISTINA SAMPAIO CONDE

Brasília

2015

EDUCAÇÃO&MODA&ARTE: UMA INTERAÇÃO PEDAGÓGICA

CRISTINA SAMPAIO CONDE

Trabalho de conclusão do Curso de Artes Plásticas,
Habilitação em Licenciatura, do Departamento de
Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade
de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Pinheiro Ferreira

Brasília

2015

DEDICATÓRIA

A minha mãe Luiza, as minhas irmãs Ana Luiza e Fernanda e a minha pequena sobrinha Alice. Minhas musas inspiradoras.

Ao meu grande amor, Márcio. Companheiro de todos os momentos.

Ao meu pai, Marcondes, que espero um dia aceitar e entender minha arte e minha vontade de lecionar o que gosto, Artes&Moda.

Dedico a todos que fizeram parte deste projeto e aos meus querido colaboradores da escola CEM 01 da Candangolândia: Lucas, Mariana, Jecivaldo, Clara, Gustavo, Jonathan e Fernanda.

AGRADECIMENTO

Agradeço a minha mãe e minhas irmãs, porque foram minhas críticas de arte, minhas alunas de teste e minhas leitoras de todos os projetos que fiz durante o curso.

Agradeço ao Márcio, meu grande amigo, meu companheiro, meu amor, porque sem ele, eu não estaria me formando em Artes Plásticas. Seu suporte foi essencial para que eu continuasse esta jornada. Madrugas em claro, textos esquisitos da futura “professora maluquinha”, artes sem sentido... O Márcio me segurou em todos os momentos assustadores da Universidade e também esteve comigo em todos os momentos de alegria. Foi meu companheiro em todas as exposições de arte pela cidade e esteve ao meu lado em minha primeira exposição, nos corredores do Instituto de Artes.

Agradeço a todos os professores que tive a oportunidade de conhecer, sem eles não estaria aqui com todo este conhecimento que adquiri com os seus ensinamentos. Agradeço a professora Lisa Minari, sua delicadeza e paixão pela educação foram importantes para meu desenvolvimento na licenciatura durante a disciplina Estágio Supervisionado I. Agradeço especialmente a professora Andrea Capi, suas críticas são sempre importantes, sempre me tiram de minha zona de conforto e me fazem ousar e tentar novos caminhos em diversas áreas da arte. Após uma conversa com Capi, vislumbrei algumas ideias relacionadas com a arte e a moda. Agora, essas ideias estão presentificadas nesta monografia.

Outro agradecimento muito especial é ao querido professor e orientador Luiz Carlos Pinheiro Ferreira, com quem tive meu primeiro encontro na disciplina Projeto Interdisciplinar. O professor Luiz sempre foi paciente comigo, sempre respeitou minhas ideias e o mais importante, me ajudou a crescer com seus conhecimentos e experiências acadêmicas. Seus textos são de extrema qualidade, sempre motivadores. Sou muito grata a paciência que teve comigo durante esta pesquisa, a todas as críticas construtivas oferecidas e a todas as ideias que serviram como guia para a conclusão deste projeto.

Agradeço ao meu pai Marcondes, que mesmo que raramente tenha mostrado interesse em minha escolha profissional, foi o responsável por eu ter conseguido fazer a parte prática desta monografia.

E claro, agradeço aos meus queridos alunos colaboradores, sem eles, não seria possível a realização deste projeto.

Muito obrigada a todos por estarem comigo nesta importante etapa de minha vida.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Trabalhador rural gálio c. 300 a.C	11
Figura 2 – Nobres pré-Bizâncio	12
Figura 3 – Glamour Maio 2015	16
Figura 4 – Bufão	18
Figura 5 – Clown elisabetano.....	18
Figura 6 – Campanha de primavera-verão 2013 da Louis Vuitton	20
Figura 7 – Revista da Twiggy voltada para adolescentes, com dicas de como ser como a modelo	24
Figura 8 – Aluna Fernanda em fotos cedidas por ela para mostrar seu estilo	28
Figura 9 – Grupo reunido antes da criação	34
Figura 10 – Momento de criação das estampas. Concentração e delicadeza	36
Figura 11 – Momento de criação das estampas	37
Figura 12 – Momento de criação e descontração entre o grupo. Uma aluna levou a filha	38
Figura 13 – Moda feminina da Era Clássica Imperial francesa c. 1790 ao século XIX	40
Figura 14 – Indumentária feminina grega c. 600-480 a.C.	40
Figura 15 – Concentração no momento da produção das estampas	43
Figura 16 – Momento de produção	45

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1 ARTE&MODA – aspectos sociais e históricos	11
1.1 Histórico das estampas	13
1.2 O significado das estampas	16
2 MODA&EDUCAÇÃO – possíveis interações	22
2.1 Motivações	26
2.2 Arte&Moda – outras possibilidades	28
2.3 Educação em artes visuais – incentivo	31
3 EDUCAÇÃO&MODA&ARTE – uma proposta pedagógica	33
3.1 Idealização da oficina pedagógica na escola	34
4 O CONTEXTO DA PESQUISA – aspectos metodológicos	37
4.1 Apresentação	37
4.1.1 Primeiro dia de interação pedagógica	41
4.1.2 Segundo dia de interação pedagógica	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
ANEXO 1 – termo de consentimento e autorização para pesquisa	50
APÊNCIDE 1 – camisetas estampadas	51
APÊNCIDE 2 – registros do processo	58
APÊNCIDE 3 – roteiro para questionário	65
REFERÊNCIAS	66

INTRODUÇÃO

Lembranças da minha época de escolarização me vêm à mente quando penso na importância do ensino de artes visuais, essas lembranças evocam alguns motivos que podem explicitar, atualmente, minha escolha profissional, como também, elucida o meu interesse em abordar a relação entre arte e moda no contexto de uma interação pedagógica. Essa questão de pesquisa surge do meu interesse pessoal somados a minha inquietação em virtude da opção de cursar a licenciatura. Pondero que, desde que fiz o vestibular, sempre fui receosa quanto o escolha da licenciatura como habilitação. Afinal, ser professor é um cargo que respeito e admiro muito. O professor representa uma função primordial na formação do ser. As vivências adquiridas entre professor e aluno são levadas para a vida toda. E levando em consideração esta função tão importante, o fato de me tornar professora representava um medo. Medo de não conseguir exercer essa função de forma satisfatória perante os alunos, considerando que o alunos espelham-se nos seus mestres, guardam lembranças relevantes que podem definir, inclusive, sua escolha pela docência. No entanto, apesar de hoje estar concluindo o Curso de Licenciatura em Artes Plásticas, esclareço que guardo no íntimo das minhas lembranças da época de escolarização, uma situação que provocou-me durante muito tempo. Talvez, essa situação particular vivida por mim tenha sido um estopim para que nesse momento eu tenha o desejo de fazer diferente como professora de artes visuais.

Quando criança e adolescente, me imaginava sendo arqueóloga ou historiadora, por causa do Indiana Jones. Com 8 anos de idade comecei a entender que gostava de desenhar, riscar paredes e fazer “arte”. Percebi que conseguia criar e reproduzir os personagens de desenhos animados que gostava. Nessa idade, vivi um momento marcante em minha escola, porque ali acontecia um concurso de desenho entre os alunos. Minha turminha tinha uma garotinha que todos admiravam por seus dons artísticos. Os meus, ainda estavam para despertar e portanto, ainda não eram admirados. A professora nos deu um horário para produzir os desenhos. Eu estava feliz com o que tinha feito: uma paisagem florida, um sol brilhante, arvores verdinhas, com direito até mesmo a borboletas e passarinhos. Aquele tinha sido o

desenho que eu mais caprichei até então, quando eu pensei “Olha! Posso desenhar bonito também!”. Como eu tinha ficado feliz! Contudo, o prazo que a professora havia estipulado para a criação do desenho acabou. Fiquei ansiosa com essa informação, não percebi o tempo passar e ainda faltavam detalhes para terminar. Do mesmo modo, percebi também que a outra garotinha não havia terminado o desenho. No entanto, mesmo com esse atraso, ao entregar o desenho a professora, a minha coleguinha recebeu vários elogios. E quando eu entreguei, cerca de dois minutos depois da outra garotinha... Eu estava sorrindo, muito alegre pensando que fosse escutar um elogio também. Isso não aconteceu. A professora simplesmente rasgou meu desenho na frente de todos os outros coleguinhas da sala. Não escutei elogios, não escutei nenhuma explicação convincente, somente uma frase curta e ríspida: “O prazo acabou Cristina”. Fui para minha carteira muito triste, sem reação. Alguns alunos foram rir de mim, outros ficaram com medo. Eu não entendia o porquê dela ter feito aquilo comigo, só pensava que talvez ela não tivesse gostado do desenho ou que talvez ela não gostasse de mim. Quando minha mãe foi me buscar, logo percebeu que eu estava muito calada e bem mais pálida do que o normal. Relutei e não quis falar porque na minha concepção de criança, eu ponderava estar errada, porém ela insistiu tanto que falei tudo, em prantos. Ela deu meia volta e procurou a professora pessoalmente e a não encontrou. Foi na direção e falou do abuso absurdo que eu tinha sofrido. O que eu sei, é que a tal professora chorou muito depois tentando se explicar. Enfim, em outro dia ela me deu uma nova chance. Inocente, fiquei alegre, mas já não era a mesma coisa. O receio já estava marcado em mim. Não muito tempo depois, transformei todo meu sofrimento deste ocorrido em fazer mais e mais desenhos. A cada desenho uma descoberta acontecia, novas formas, linhas, cores começaram a fazer parte de uma habilidade que eu desenvolvia a cada dia. Assim me descobri.

Na adolescência o desenho ficou mais importante, porque eu envolvia este talento nas outras disciplinas da escola. Aliás, teatro e música também passaram a fazer parte. Logo, o que era somente prático, tornou-se teórico com a chegada do conteúdo em história da arte nas aulas de educação artística. Ainda com a vontade de ser arqueóloga, tinha forte simpatia e amizade com o professor de história e com a professora de artes. Eles me incentivavam, me emprestando livros que foram determinantes para o meu interesse no campo das artes. Ao contrário da

experiência anterior vivida na infância, esses professores foram atenciosos e deixaram na minha lembrança uma visão bem diferente do que deveria ser professor. Nessa experiência reside um fato interessante e que, talvez, tenho sido o propagador do meu tema de estudo nessa monografia. Um dos livros que eles me emprestaram, foi muito importante para minha escolha de pesquisa pessoal - um livro sobre a Grécia e sua indumentária. Nessa época, refiz o desenhos do livro, li os textos de história em outros livros e tentava contextualizar a indumentária que correspondesse com meus desenhos. Depois, estudei outras civilizações e movimentos de arte para ajudar em minha contextualização. Já estava certo o que eu queria fazer quando adulta: estudar arte e história da moda, contudo, esta escolha inicial seria um hobby. Como profissão eu tinha escolhido veterinária, uma profissão que entre outras poderia favorecer um futuro mais promissor. O meu interesse por artes e moda era visto pela minha família como um gosto particular e uma habilidade desenvolvida ao longo dos anos, por isso não tive apoio da família naquele momento. Nesse período uma série de eventos aconteceram em minha vida e não foi possível estudar veterinária.

Logo depois, procurei um curso de moda em Brasília, mas o único que tinha na época era de Tecnologia em Produtos da Moda, em uma faculdade que nem existe mais. Não era bem o que eu queria, mas resolvi tentar. Já no primeiro semestre tive a matéria História da Moda, que encheu meu coração de felicidade. Era isso mesmo o que eu procurava, porém as demais disciplinas eram voltadas para criação de roupa. Não terminei o curso, fiz apenas um semestre e meio. Adquiri algum conhecimento neste pouco tempo de estudo, o que representou a certeza do que quero hoje.

Já cursando Artes Plásticas na UnB, busquei correlacionar a história da moda em tudo o que tivesse correspondência. No campo da história da moda o meu interesse recai sobre o ponto de vista social e como linguagem. A arte está presente, tanto para a representação da roupa no contexto histórico, como também para produção de novas peças. Amparada na minha experiência escolar e agora, vivenciando no Curso de Licenciatura a regência na Disciplina de Estágio Supervisionado II, descobri que aquela experiência traumática vivida na época de infância poderia contribuir de forma inversa. Eu queria fazer diferente com os meus alunos de estágio, propor temas relacionados com o cotidiano, com suas

experiências e além disso, deixá-los interagir. Confesso que lidei com alguns alunos problemáticos, mas quem não lida no decorrer de uma profissão que, eminentemente estabelece dialogo e interação com o Outro. Inquieta durante a experiência com o estágio, passei a observar os alunos, suas roupas, modo de vestir e estar no ambiente da escola. Associado com essas ideias, conheci na Disciplina de Fundamentos de Linguagem (FL)¹ o livro: O sistema da moda de Roland Barthes (2009). Seu estudo sobre a moda como sistema me impactou, os signos, símbolos e significados atribuídos por ele estavam em consonância com aquilo que eu acredita e também trabalhava. Roland Barthes foi uma descoberta e uma obsessão. Os textos de Barthes foram essenciais para mim após esta disciplina, inclusive, foram responsáveis pela escolha desta empreitada de estudo. Apontarei brevemente como o mesmo foi concebido.

No primeiro capítulo Arte&Moda, apontarei os aspectos sociais e históricos nos quais a indumentária e especificamente as estampas passaram a desempenhar no decorrer dos séculos. Argumentarei a partir de Barthes (2009) sobre alguns pontos que considero relevante para o contexto histórico e o significado da estampa no âmbito da sociedade.

No segundo capítulo, apresento possíveis interações entre Moda&Educação, usando como referência experiências na escola durante minha vivência na Disciplina Estágio Supervisionado II. Em determinado momento em que realizava uma atividade com os alunos, surgiu a oportunidade de enfatizar a Moda como conceito, essa situação despertou o meu interesse no aprofundamento de uma prática pedagógica e interativa correlacionado os conceitos de moda e educação.

No terceiro capítulo, desenvolvo os conceitos de educação&moda&arte, propondo uma oficina pedagógica em sala de aula.

No quarto e último capítulo, contextualizei a oficina, relatando como foi a experiência da pratica com os colaboradores, como foi a recepção dos resultados e como os alunos reagiram no projeto.

¹ Na Disciplina de Fundamentos da Linguagem pesquisei sobre a Linguagem das Estampas a partir da leitura do livro de Barthes como guia. Desenvolvi também uma série de trabalhos relacionados com o universo da moda. Por exemplo: realizei a pesquisa “A Arte Bordada da Indumentária Bizantina” durante a disciplina História da Arte Antiga; catalogação da história da indumentária em Desenho 3 (projeto que continuarei futuramente); leitura de imagem em diversas disciplinas usando a Moda como objeto de estudo; pesquisa sobre as mulheres de Lucas Cranach - o velho, sendo a indumentária parte da pesquisa.

1 ARTE&MODA – aspectos sociais e históricos

Roland Barthes (2009) foi um socialista e crítico literário. Analisou e escreveu sobre a estrutura da semiótica, considerando uma literatura que pressupõe pensar a moda como um sistema. Nesse sentido, para refletir sobre questões que tangenciam esse sistema da moda utilizei a obra “Sistema da Moda” onde Barthes decompôs a sociedade, a Moda e seus significados. Neste livro há uma diferenciação entre Moda com maiúsculo e moda com minúsculo. Moda está no sentido de algo grande, uma regra, tendência; a Moda. E moda, seria apenas relacionado a um capricho; uma moda. Seguirei com esta mesma proposta de linguagem escrita sempre que fizer referência a Moda como uma tendência ditadora de regras - usarei maiúsculo e, minúsculo quando me referir a uma moda pessoal e que pode ser passageira, ligada a um modo em particular ou vivência.

Não é de hoje que questões sobre a Moda e suas relações na sociedade são discutidas, estudadas e sempre um novo conceito surge. O uso iniciou-se por proteção ao clima, proteção contra ataques de animais, e aos poucos detalhes eram agregados as peças como uma diferenciação que se tornariam adorno no decorrer dos anos. Estes adornos ao longo do tempo adquiriram importância estética, especialmente para diferenciar os nobres e os trabalhadores rurais (Figura 1 e 2).



Figura 1 – Trabalhador rural gálio c. 300 a.C (Historic Costume 2003, p. 12²)

² TIERNEY, Tom. **Historic costume – from Ancient Times to the Renaissance**. New York: Dover Publications, 2003.



Figura 2 – Nobres pré-Bizâncio (Historic Costume 2003, p. 14³)

E hoje em dia, não diferente dos séculos passados, a roupa também significa mais do que cobrir-se, mostrar uma identidade através das escolhas de corte, cor e o próprio tópicos que será discutido a seguir, as estampas dos tecidos, pois segundo Barthes (2009, p. 323),

[...] a Moda não evolui, muda: seu léxico é novo a cada ano, tal como o de uma língua que sempre mantivesse o mesmo sistema, mas mudasse repentina e regularmente a “moeda” de suas palavras.

A moda é regida por pequenas imposições das revistas, dos grandes estilistas e dos grandes consultores de Moda. Da televisão, dos blogs de moda, surgem uma moda e a passagem da alta Moda para moda. Afinal, nem toda massa pode adquirir a Moda.

A Moda surgiu da necessidade do usuário querer ser diferente dos demais. Porém, hoje em dia com a produção em massa da alta-costura, o *prêt-à-porter*, fez surgir muitas pessoas diferentes com as mesmas roupas, a mesma estampa, que um dia já fora identidade. Barthes então analisa a Moda pelas escolhas de grupos, já que nada é tão único. Coleção única é única, mas variantes e constantes são iguais para muitas pessoas. Dentro da mesmice, seria possível então analisar um grupo de

³ TIERNEY, Tom. **Historic costume – from Ancient Times to the Renaissance**. New York: Dover Publications, 2003.

pessoas por suas mesmas escolhas? As estampas ainda podem ajudar a identificar o sujeito? O que elas significam e como se relacionam?

1.1 Histórico das Estampas

As estampas em tecidos, desde seus primórdios na história, tem muitos significados. Seja adorno, seja distinção de classes e famílias ou até mesmo diferenciação de cargos. Os primeiros traços de estampa em tecidos vêm dos bordados na pré-história (BRAGA, 2004). O ponto cruz foi inicialmente usado para juntar os cortes de pele para forma-se uma parte da indumentária. Usavam ossos como agulha e como linha, fios de plantas ou tripas dos animais que caçavam por alimento. Os bordados funcionais tornaram-se bordados para adorno.

A origem do bordado pode ser datada em cerca da era Cro-Magnon ou 30.000 AC. Durante uma recente descoberta arqueológica, o corpo fossilizado de um caçador foi encontrado com roupa de pelos, botas e chapéu que eram todos bordados com pontos feitos a mão utilizando agulha de marfim. (MORRIS, 2009, tradução nossa).

Ainda que funcionais, aquela veste foi uma maneira que o humano encontrou de se impor aos demais, diferenciando-se através de elementos visuais presentes em sua indumentária, como forma de poder, status ou prestígio.

Roland Barthes (2009) fez um grande estudo sobre a Moda e sociedade e suas relações ao modo de vestir-se. Como a Moda se revela através das escolhas de quem a veste, desde a escolha do formato das peças à estampa, Barthes se refere à estampa como “motivo” e atribui como uma das características de uma matriz.

[...] a matriz não é uma unidade de significante definida mecanicamente, embora sua demonstração seja extraída da prova de comutação; ela é, antes, um modelo, uma unidade ideal, ótima, fornecida pelo exame de enunciados privilegiados; sua “prova” não procede de uma racionalidade absoluta (vimos que podemos discutir seu caráter “necessário”), mas sim de uma comodidade empírica (ela possibilita uma análise “econômica” dos enunciados), e de uma satisfação “estética” (ela é um modo suficientemente “elegante” de conduzir a análise no sentido que a palavra elegante pode ter quando aplicada a uma solução matemática): diremos, com mais modéstia, que ela tem fundamento porque possibilita dar conta de todos os enunciados, mediante alguns ajustes regulares (BARTHES, 2009, p. 105).

Dentro das matrizes, ele diferencia cada atributo, pois os enunciados do significante estão condensados dentro de uma mesma parte da roupa. Para que ficasse mais simples de entender, ele usou as seguintes abreviações: “para designar o objeto visado pela significação (O), seu suporte (S) e a variante (V); a própria matriz será designada pelo gráfico OSV (BARTHES, 2009, p. 105). Sendo subentendido que o motivo (estampa) estaria dentro da SV, como suporte e variante do significado de uma peça de roupa. Tudo pode influenciar na diferenciação da qualidade e significado das estampas. O modo como foi feito, se bordado ou serigrafia, a base desde sua cor ao material (se linho, algodão, seda) e o corte da roupa. Porém “[...] esses materiais não têm as mesmas relações entre si: em um, os materiais são formas, linhas, superfícies, cores, e a relação é especial; em outro, são palavras, e a relação, se não é lógica, é pelo menos sintática” (BARTHES, 2009, p. 20). Cada atributo é caracterizado por seus próprios significados.

De acordo com Barthes (2009), quando uma revista de moda usa a foto de um “look”, a revista pode descrever de formas diferentes. “O vestuário escrito é portado pela linguagem” (BARTHES, 2009, p. 21). O que seria suas características quanto à forma: se um casaco, uma calça. Diferentemente de vestuário-imagem, que seria o todo, é o que se tem na foto, sem descrição, muitas vezes não é possível entender as peças e estampas.

[...] o vestuário escrito dispõe de uma pureza estrutural que é, aproximadamente, a mesma pureza da língua em relação à fala: a descrição fundamenta-se, necessária e suficientemente, na manifestação das coerções institucionais que fazem este vestuário, aqui representado, estar na Moda (BARTHES, 2009, p.41).

De acordo com o autor, o vestuário escrito seria como a língua escrita e, o ato de vestir seria equivalente a fala, isso em comparação a linguagem. E estar na Moda, seria entender o vestuário escrito. Ele afirmou que seria possível comparar as classes comutativas, a qual as revistas dominam e ditam os enunciados da Moda. Sendo assim as relações dos grupos sempre andam juntas. Cabe a grupos entenderem os signos dentro de cada significante, a roupa. Esta que pode ser e ter vários significados. A proposta dele é fazer “[...] distinção entre língua e código indumentário escrito que pode chocar, mas cuja validade decorre do seguinte: língua e descrição indumentária não tem o mesmo nível de comutação” (BARTHES, 2009, p. 65). Colocando a estampa como um significado, Barthes (2009) diz que

certamente a equivalência entre os estampados, entre vestuário e mundo “só é dada (escrita) porque expõe (significa) a Moda;” (p. 67) ou seja, usar estampas passa a ser significante de um novo significado dentro da Moda.

Seria a estampa um símbolo dentro do significante? Em “Moda: Uma Filosofia”, Lars Svendsen (2010) questiona o porquê do interesse da sociedade em consumir símbolos. Barthes (2009) também afirmou “é o que significa que vende” (p. 67). Svendsen coloca que a resposta mais comum para esta pergunta é que o indivíduo quer construir uma identidade.

[...] O consumo de símbolos é algo que vimos antes, quando, por exemplo, as pessoas consumiam para mostrar a afiliação a uma classe. Era isso que parecia central para teóricos como Veblen, Simmel e Bourdieu. Atualmente, porém, essa perspectiva é menos informativa por estar tão fortemente baseada num conceito de classe que não mais se aplica. O consumo hoje está menos relacionado à identidade de classe que à identidade pessoal. Mas é aqui que o consumidor moderno está fadado a fracassar (SVENDSEN, 2010, p. 144).

O consumidor depende das tendências oriundas das revistas de Moda, porém dois significados podem atribuir-se muito bem para um significante. Barthes (2009, p. 93) exemplificou:

[...] nos limites de uma mesma frase verbal (um casaco de linho para a meia-estação ou para as noites frescas de verão) ou dois significantes para um significado (para o coquetel, musselina ou tafetá), ou mesmo dois significantes e dois significados, ligados numa dupla variação concomitante (flanela listrada ou twill com bolinhas, se de manhã ou de noite).

A estampa é uma variação concomitante. Ainda neste assunto, Barthes afirma que se quisermos desvendar o código indumentário, deve-se entender a produção do sentido, no ponto de vista operacional e também, mesmo que as significações do significado e significante não estejam claros no nível de entendimento da palavra, tentar entender como os casos de sinonímias e homonímias da língua. Para Barthes, as revistas esboçam certos paradigmas de significantes, que podem entender como ordem: “flanela listrada ou twill de bolinhas, se de manhã ou de noite” (BARTHES, 2009, p. 94). Mesmo que se tenha um livre arbítrio de escolha, as revistas ditam, repelem a escolha livre do usuário, conforme apresenta a figura 3, onde fica evidente como as revistas ditam Moda a partir do slogan.



Figura 3 – Glamour Maio 2015 (Disponível em: https://igcdn-photos-b-a.akamaihd.net/hphotos-ak-xpa1/t51.2885-15/1389842_1563056303942537_637042686_n.jpg Acesso em 15 de maio de 2015).

1.2 O significado das estampas

Se as estampas são apenas variações do significante, o que faz um indivíduo ser tão criterioso com as suas escolhas nos “motivos” de suas roupas? Eles simbolizam algo, o que seria? Segundo Svendsen (2010), isto não é claro. Houve tentativas em revelar especificamente os valores simbólicos e cita Barthes em Mitologias (2003) e conclui: “hoje muito pouca gente parece acreditar que é possível dizer que valores simbólicos têm um conteúdo semântico específico” (SVENDSEN, 2010, p. 145). A escolha da estampa vai além da tendência. Barthes analisou os enunciados do significante e propôs duas condições:

[...] é preciso que uma matriz identificada seja preenchida por seus três elementos pelo menos; é preciso que cada termo do enunciado encontre lugar numa matriz: as matrizes devem esgotar o enunciado, os elementos devem saturar as matrizes: o significante está cheio de significação (BARTHES, 2009, p. 117).

As estampas carregam significado. A matriz que a estampa está inserida, comparando os elementos que foram analisados por Barthes, diz que a estampa pode-se comparar a própria matriz. A estampa comporta significados próprios, tantos que preenchem as formas com mais frequências do que as outras características da matriz. A estampa pode se caracterizar como uma matriz, uma força única e não considerada como sendo característica de um grupo.

Barthes (2009) propõe ao leitor que imagine uma mulher vestida com uma roupa sem fim, tecida com todos os elementos que a revista de Moda cita, pois para ele, o texto que caracteriza a roupa, também não tem fim. Entretanto, Barthes propõe que, se organizasse as palavras e recortasse as unidades significantes, seria possível reconstruir a significação naquele enunciado sem fim. Assim, cada indivíduo entenderia a Moda, sua Moda.

“Identidade” é um dos conceitos seminais para se descrever a função da moda. Supostamente, esta contribui para a formação daquela. Nossas identidades tornaram-se problemáticas – não temos mais garantias sobre elas. Isso está associado a uma ênfase geral na autorrealização – um fenômeno extremamente moderno (Svendsen, 2010, p. 158).

Nem sempre podemos usar nossa identidade nas roupas e estampas, algumas vezes somos impostos a usar peças que são viáveis em determinado momento, como uniformes, por exemplo.

Mesmo que reconheçamos agora que há limitação sociomateriais para a escolha de estilo de vida, somos obrigados a fazer uma escolha. Temos de escolher um estilo de vida, e, em se tratando de estilo, essa é uma escolha basicamente estética. A estética se torna assim central para a formação da identidade (Svendsen, 2010, p. 163).

De acordo com Svendsen (2010), reforçando a teoria de Barthes, a escolha das roupas é relacionada à vida, sobre quem você é. Estaria as escolhas da roupa, cor e estampas ainda relacionadas ao fator social? Pois por exemplo, sabe-se que

[...] no Egito, elas também cumpriam essa função e ganhavam a conotação de distinção de classes em que nobres e mais privilegiados se diferenciavam em opulência daqueles de classes sociais menos favorecidas materialmente, que muitas vezes, andavam nus” (BRAGA, 2007, p. 20).

Barthes também exemplifica, referindo-se ao tecido “*dual*” (xadrez ou bicolor), que forneceu o conhecimento de vários símbolos na história, não só da indumentária como social, mas, também, mostrando muito sobre o humor do cidadão: “[...] os bufões da Idade Média e os clowns do teatro elisabetano usavam trajes bipartidos e

bicolores, cuja dualidade simbolizava a divisão do espírito” (BRAGA, 2007, p. 226). As figuras 4 e 5 reportam esse momento no qual o bufões e os clowns faziam da indumentária sua marca registrada.



Figura 4 – Bufão (Bibliothèque nationale de France, Département des manuscrits, Latin 774, fol. 63v.)
(Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8529698f/f140.item> Acesso em 15 de maio de 2015).



Figura 5 – Clown elisabetano
(Disponível em: https://www.fotolibra.com/buyer/purchase/price.php?image_id=72270
Acesso em 15 de maio de 2015).

Braga (2007), autor de *História da Moda - uma narrativa*, diz que o final da Idade Média e início do Renascimento foram importantes para a história da indumentária, pois foi nesta passagem de tempo que surgiu o conceito: Moda. Braga também afirma que “[...] os nobres locais se incomodavam com as cópias de suas roupas feitas por uma classe social mais abastada [...]” (BRAGA, 2007, p. 40). Eles queriam ser únicos, exclusivos, ostentar seus tecidos diferentes, suas estampas criadas na tecelagem ou bordados. Tecidos similares, cortes e roupas similares, porém com motivos e com significações diferentes para cada indivíduo.

Segundo Barthes (2009, p. 413) a Moda é o significado implícito e direto dos traços indumentários. Ou seja, denota um significado, ao final, simples.

Sendo denotativo, a Moda participa diretamente de um sistema fechado em seus significantes, sistema que só se comunica com o mundo por meios do inteligível representado por todo sistema de signos; sendo conotativa, ela participa indiretamente de um sistema aberto, que se comunica com o mundo por meio da nomenclatura explícita dos significados mundanos.

Para Barthes (2009), a Moda é composta inteiramente de sistema de signos, que variam de significado; correspondem as variações do público. A personalidade é quantitativa e não se define como outros parâmetros do ser. É uma combinação dos elementos comuns. Na união do significante e significado, surge o signo: vestuário e o mundo, vestuário e a Moda. Então “[...] o signo indumentário é um sintagma⁴ completo, formado por uma sintaxe de elementos” (BARTHES, 2009, p. 320). Barthes (2009 p. 322) ousou divergir Saussure⁵ e concluiu que foi possível sim afirmar que o signo linguístico não é eventual. A liberdade de escolha é combinatória e não imaginativa. Na Moda, conclui-se o contrário, o signo é eventual. A cada ano, novos signos e significados são elaborados, porém não pelos usuários “massa falante⁶” em relação à língua, e sim pelos ditadores de tendências, um grupo restrito, por exemplo, a indústria das revistas de Moda. Ou seja, se feito para chamada cultura de massa, os signos estão sendo impostos e demandados. Dentro daquelas

⁴ Combinação de duas formas ou unidades linguísticas elementares em que uma, funcionando como determinante, cria um elo de subordinação com outra, dita determinada: sintagma lexical, locucional, nominal, verbal, oracional etc. (Disponível em: <http://www.dicio.com.br/sintagma/> Acesso em 14 julho de 2015)

⁵ Estudioso das línguas indo-europeias e importante pesquisador da construção lógica da linguagem, considerado o fundador da moderna linguística científica. (Disponível em: <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/FerdnSau.htm> Acesso em 15 de maio de 2015)

⁶ População classe média

estampas que são tendências, o usuário escolhe o seu. Ao fim, não tão únicos, apenas segregados em grupos.

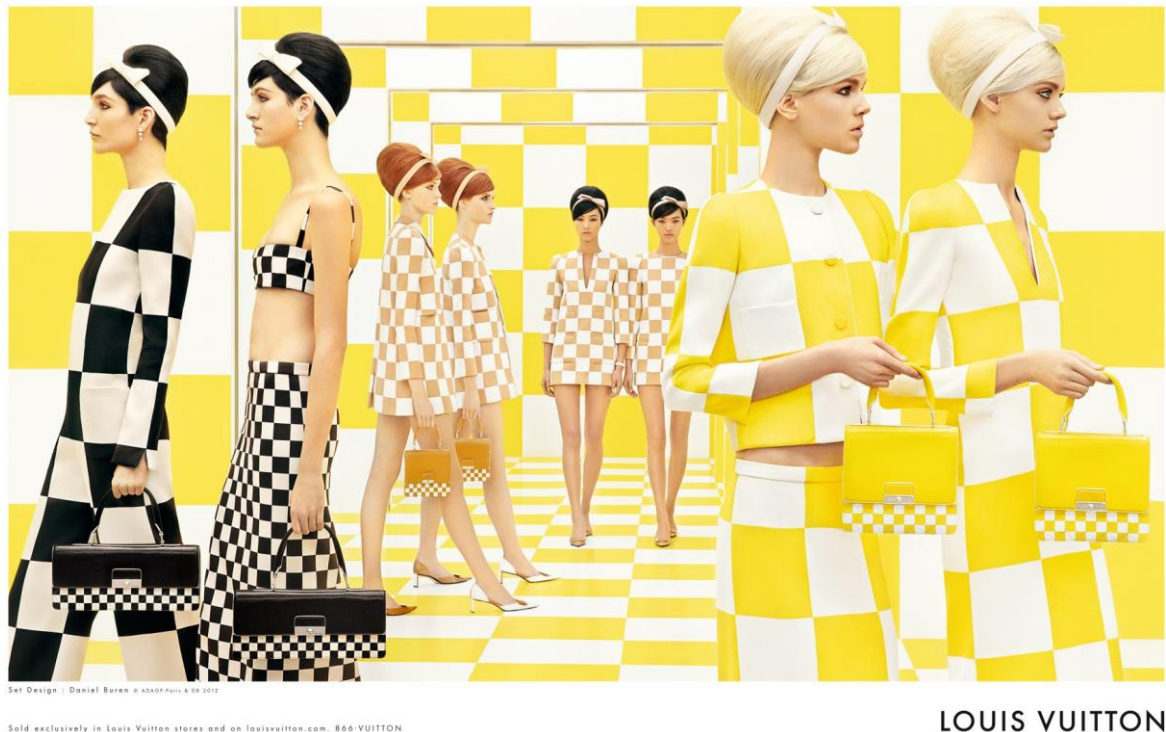


Figura 6 – Campanha de primavera-verão 2013 da Louis Vuitton. (Disponível em: <http://www.designscene.net/wp-content/gallery/122012/louis-vuitton-spring-summer-2013-steven-meisel-01.jpg> Acesso em 01 de junho de 2015).

A campanha de primavera-verão 2013 da Louis Vuitton (figura 6) ilustra bem o ponto em que a alta costura encontra-se. A coleção pode ser única e exclusiva conforme o anúncio comercial para revistas, é tão exclusiva que a própria campanha já fala por si. Porém as modelos estão vestidas com peças diferentes e com estampas iguais ou tão similares que parecem ser uma figura única. Até a forma como estão dispostas, maquiagem e cabelo das modelos e o fundo da imagem impõem à similaridade. Um grupo seleto, mas pessoas com a mesma identidade. Como ser diferente em meio a tanta estampa igual, qual o significado? Barthes (2009, p. 357) propõe que

[...] o significado de todos esses significantes retóricos não é propriamente o modelo, mesmo que concebido de maneira genérica: o que se quer significar é a própria ideia de cultura.”

E seguindo esta linha de pensamento do próprio Barthes, a Moda é ao mesmo tempo séria e frívola demais. Nos excessos encontrados nela, há soluções contraditórias expondo quão frágil é a Moda. Seria ela oposta ao senso comum da

massa que busca identidade, e superficial ao questionar o ser que a veste por causa dos excessos e pelas tendências. Embora, as roupas e estampas sejam iguais para ambos, Barthes coloca que a linguagem do vestuário pode ser diferenciada pelos acessórios.

2 MODA&EDUCAÇÃO – possíveis interações

“Fashion is not quite an art but requires an artist in order to exist.”⁷

Yves Saint Laurent

Todos temos nosso modo de vestir, nosso estilo preferido de roupa. A partir dos nossos gostos e de nossa maneira de agir buscamos características em peças de roupas e acessórios que expressem nossa personalidade. Essa possibilidade de associar moda&educação foi determinante para pensar como os alunos estabelecem relação com o seu jeito de ser e de vestir e, conseqüentemente, refletir sobre a criatividade e outras linguagens no campo da arte. O colaborador Lucas, por exemplo, fala sobre como foi o processo interativo.

Foi um processo que envolvia muita criatividade, foi algo prazeroso de se fazer. A minha maior inspiração foi a música. Fiz minha camiseta inspirada numa banda (encontro realizado em 12 maio de 2015).

Lucas fala do processo de criatividade vivido no momento da experiência pedagógica, inclusive aponta a música como maior fonte de inspiração para fazer sua moda. Percebo que nas escolas, mesmo com a obrigatoriedade da utilização do uniforme dentro das unidades, os alunos buscam a personalização de suas vestimentas. Além disso, o uniforme deixou de ser algo inconcebível, detestável pelos alunos, sendo utilizado em outros espaços.

Percebemos que a indumentária escolar nada mais é do que variações de algumas peças utilizadas pelos jovens em seu cotidiano e, atualmente, observa-se que o uso dos uniformes fora da escola é natural, podendo-se encontrar, frequentemente, grupos de jovens nas ruas, shoppings, supermercados e em vários outros lugares, usando o uniforme de sua escola despreocupadamente, mostrando-nos que o uniforme não está mais tão distante daquilo que o jovem costuma vestir nas horas vagas (SCHEMES; THON, 2010 p. 10).

Tal observação é pertinente também pelo fato das mudanças que ocorrem no mundo da moda. Por muito tempo, a variação de tecidos, a utilização de acessórios

⁷ Moda não é bem um arte, mas requer um artista para poder existir.

e adornos foi exclusividade das altas classes sociais. Hoje vivemos um momento diferente, mesmo com poucos recursos financeiros, todas as classes conseguem criar suas próprias características, todas próximas umas das outras, não sendo tão evidente a distinção de classes. E os adolescentes passaram a explorar bastante essas características, incorporando elementos inusitados ao modo de vestir. Lipovetsky (1997, p. 120) apresenta uma visão sobre a moda quando argumenta:

A moda ganhou uma conotação jovem, deve exprimir um estilo de vida emancipado, liberto das coações, desenvolvido em relação aos cânones oficiais. Foi essa galáxia cultural de massa que minou o poder supereminente da Alta Costura; a significação imaginária "jovem" acarretou uma desafeição pelo vestuário de luxo, assimilado ao mesmo tempo ao mundo "velho".

Na busca pela identidade, os jovens ignoraram a Alta Costura, as tendências, e até mesmo voltaram ao passado da Moda para trazer individualidade, mesmo que momentânea a sua moda. Assim como Lipovetsky, Laver (1982) também expõe essa mudança de público da moda para atingir o mundo mais jovem, que de certa maneira se viu mais maduro, até mesmo por ser um momento em que o mundo passou por duas grandes guerras, onde fez muitos jovens de 18 anos lutarem por suas nações, ou em outros casos, trabalharem em seus países, se tornando muitas vezes responsáveis por suas famílias, incluindo a independência não só masculina, mas também feminina, presente em grande parte nas fábricas, comércio, e mesmo nos lares.

Na década de 60, pela primeira vez a moda começou a se concentrar nos adolescentes. Os modelos mudavam tão depressa que os fabricantes tinham dificuldades para renovar os estoques com a rapidez necessária. Comparada com a década mais calma de 70, a de 60 parecia uma corrida frenética das jovens para comprar o último look, e dos estilistas para produzir o próximo. Mas, diferentemente das tendências de transição da década de 50, essas mudanças eram a consequência de uma incerteza geral quanto ao futuro e de um desejo de se rebelar. As saias eram mais curtas do que haviam sido durante o século, mesmo nos dias mais loucos da década de 20; os cabelos eram compridos e soltos. Essa atmosfera de ruptura também ficou evidente nas artes: uma nova energia e inspiração produziram a arte pop, filmes e peças revolucionários em sua crítica social mordaz, novos escritores, um novo estilo literário, novos músicos tocando um novo tipo de música (LAVÉ, 1982, p. 261).

Acredito que esta febre que a Moda passou na década de 60 está ligada pelo fato que as revistas que ditavam a moda passaram a usar fotografias de modelos

em seus anúncios para vender a Moda. Nessa época a modelo mais popular foi a Twiggy⁸.

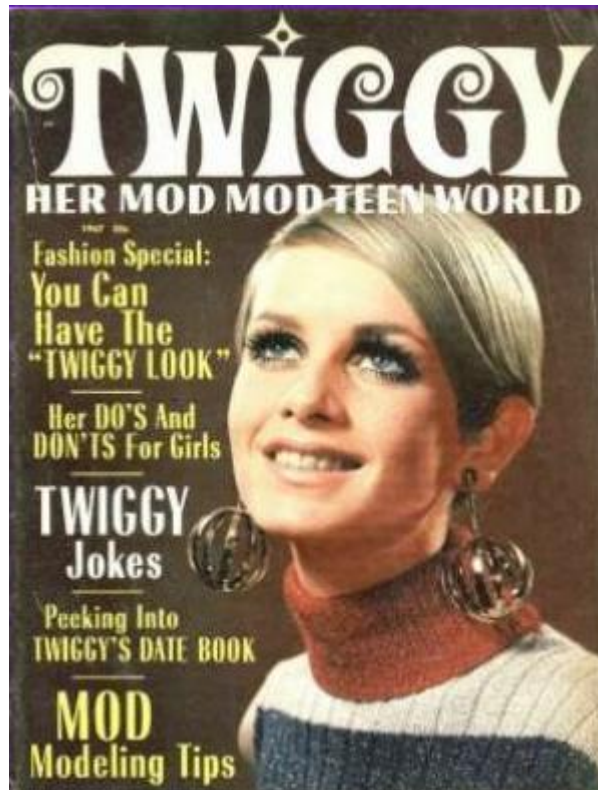


Figura 7 – Revista da Twiggy voltada para adolescentes, com dicas de como ser como a modelo. (Disponível em: <https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/236x/73/39/7b/73397b316a039da24da23f51e227d1a6.jpg> Acesso em 20 de abril de 2015).

Essa divulgação expressiva colaborou para que jovens quisessem ser como a modelo. As roupas também mostravam que os jovens tinham o poder da escolha. Assim, Ener (2005, p. 220) chama a atenção para o uso da moda na construção da identidade de cada indivíduo.

Essas tendências, populares particularmente entre os jovens, mostram mais uma vez que a moda e antes de tudo uma maneira de elaborar a identidade. Pela aparência que assume, um indivíduo se situa em relação aos outros, como também em relação a si mesmo. Nessas condições, a moda é um dos meios que ele utiliza para se tornar ele mesmo. Esse meio talvez não tenha a mesma dignidade

⁸ Na metade da década de 60, aos 16 anos de idade, Twiggy ficou conhecida internacionalmente como a primeira *super model*. (Disponível em: <http://www.twiggylawson.co.uk/biography.html> Acesso em 20 de abril de 2015).

que a religião ou a militância, mas preenche parcialmente a mesma função.

Este modo de se expressar dos jovens tem ligação com o ensino das artes na escola. Pois do mesmo modo que um artista ou um estudante de arte expressa seus sentimentos em uma pintura, por exemplo, nós podemos expressar esses mesmos sentimentos em nossa roupa e acessórios. As vezes colorido quando estamos felizes, mais sóbrio quando estamos tristes. Segundo Barbosa (2007, p. 40),

Arte é manifestação de um sujeito que se faz ver e nos mostra por sua produção, uma "sujeitidade", uma "pessoalidade" e uma "coletividade", todas dimensões instaladas num único discurso visual, interrelacionado a muitos outros.

A moda também poder ser uma manifestação, pois as roupas também tem a "sujeitidade" e a "pessoalidade"⁹ que Barbosa se refere neste trecho, fazendo uma alusão com a arte. Usamos roupas básicas para viver o cotidiano, mas por mais básica que seja, usamos uma cor que nos agrada, um corte de peça em específico que cai melhor no corpo, um tipo de tecido com textura que age melhor na pele, uma estampa interessante. Todos esses fatores estão correlacionados a escolhas de manifestações de expressão e identidade pessoal.

Percebo que a construção da identidade, a necessidade de se expressar e de ser visto na sociedade atual é um fator importante na formação do sujeito. Principalmente vivendo numa sociedade conectada à internet, às redes sociais, onde a publicação da imagem pessoal tomou um rumo novo, onde qualquer um publica suas fotos, divulgando-as para todo o mundo, com o objetivo de reconhecimento pela sua imagem.

A Arte na Educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual. Por meio da Arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada (BARBOSA, 2007, p. 18).

Nesse sentido, o ensino de arte na escola alia-se a essa demanda pela expressão pessoal, provocando o aluno a desenvolver sua imaginação e percepção do mundo. Ao propor uma interação pedagógica no contexto escolar a partir da interface entre arte, moda e educação, construo alternativas para que outros

⁹ Qualidade ou condição de ser uma pessoa ou de existir como tal. (Disponível em: <http://www.dicio.com.br/pessoalidade/> Acesso em 14 julho de 2015)

processos aconteçam, como por exemplo, o registro de imagens, a utilização de materiais, os discursos sobre a experiência, a descoberta da alteridade, que compreende pensar no outro. Enfim, uma abordagem pedagógica que visa despertar reflexões acerca de uma percepção que esses adolescentes possuem de si mesmos.

2.1 Motivações

É muito comum escutarmos por aí, até mesmo entre pessoas que conhecemos, o porquê de se estudar artes visuais na escola. Em minha experiência durante a Disciplina de Estágio Supervisionado II com os alunos que tive contato, muitos deles não entendiam a razão e nem me souberam responder se compreendiam a arte interagindo com o cotidiano deles. Fiquei surpresa, então tentei mediar um outro tipo de olhar para aquilo que eles estavam acostumados a ver e usar diariamente, algo que não percebiam ter ligação com a arte e nem com educação em si, a Moda. Perguntei sobre Moda porque é um assunto que admiro bastante e estudo há muito tempo. Sempre envolvi a Moda e sua história com os assuntos de artes visuais, visando analisar o lado social e simbólico que a moda possa ter em relação a arte, como por exemplo, analisar uma obra através da indumentária. Então, meu desejo foi transmitir para os alunos um conhecimento que domino e acredito ser relevante para o cotidiano de cada aluno, mostrar que a arte está presente até mesmo em momentos corriqueiros de nossas vidas.

Como é de se esperar, os alunos expressaram desconfiança e “algumas caretas” de pouco entendimento quando apresentei a palavra “moda”. De acordo com dicionário Michaelis (2002, p. 523):

mo.da **sf** (**fr mode**) **1** Uso corrente. **2** Forma atual do vestuário. **3** Fantasia, gosto ou maneira como cada um faz as coisas. **4** Cantiga, ária, modinha. **5 Estat** O valor mais frequente numa série de observações. **6 Sociol** Variações contínuas de pouca duração que ocorrem na forma de certos elementos culturais (indumentária, habitação, fala, recreação etc.). **sf pl** Artigos de vestuário para senhoras e crianças. **Antôn: antimoda.**

Observando as definições, entendo que o significado número três do dicionário aponta para aquilo que Barthes se refere a moda como gosto ou maneira (para o termo em inglês *fad*) e o significado seis para o que Barthes se refere a Moda com letra maiúscula, como tendência (para o termo em inglês *fashion*).

Durante a realização da Disciplina de Estágio Supervisionado II eu não pude entrar em detalhes sobre o assunto da Moda, sua tendência e estilo pessoal – tive que seguir o programa escolar, dando continuidade às atividades que os alunos já estavam fazendo com o professor de artes. O momento que perguntei sobre moda foi enquanto estávamos fazendo trabalhos práticos, livres, numa conversa interativa e dialógica, que reflete inclusive um tipo de abordagem que aprecio. Logo em seguida perguntei sobre as estampas nas roupas. Conversamos brevemente sobre imagens gravadas nos tecidos que podem ter ou não significados específicos. Há várias maneiras de gravação e várias imagens que podem compor a gravura a ser usada na estampa. Fiquei com o desejo de saber mais sobre esse tipo de concepção que os alunos possuem sobre o conceito de estampa, já que o mesmo pode remeter a outros sentidos, como estampar pintar, imprimir etc.

Tomada por esse desejo que ficou marcado na experiência de estágio, sobretudo, em saber a opinião dos alunos, aproveitei o momento da minha pesquisa interativa na escola e argumentei com os alunos colaboradores sobre o que seria uma estampa. Uma representação de alguma coisa? Também poderia ser algo que gostam, ou mesmo, desenhos e formas aleatórias simplesmente porque acharam bonito e legal. Segundo Fernanda, colaboradora da pesquisa:

Toda estampa tem significado pra alguém, compro roupas estampadas que gosto e acho descoladas. Sinto que algumas mostram um pouco da minha identidade, mas geralmente gosto de causar com as roupas que uso. Principalmente com estampas grandes e com texto (encontro realizado em 12 de maio de 2015).

A aluna colaboradora foi específica em seu gosto pessoal, apontando que a estampa possui um significado e deve fazer parte de um momento para “causar” e significar. A figura 8 mostra um pouco desse universo referido pela colaboradora da pesquisa e serve como um bom exemplo de como as estampas ainda podem identificar pessoas.



Figura 8 – Colaboradora Fernanda em fotos cedidas por ela para mostrar seu estilo a partir de estampas.

Partindo dessa relação inicial experienciada no Estágio e com alguns momentos que retratam a fala dos colaboradores no momento da pesquisa, entendo que para os alunos a estampa precisa interagir com aquilo que eles esperam, porque a moda representa valores, verdades e algo que possa identificá-los perante um grupo.

2.2 Arte&Moda – outras possibilidades

O ensino de artes visuais representa uma possibilidade de interação que reúne percepções acerca da sociedade. Acredito que usar a roupa e sua estampa como método de trabalho na escola, seja uma grande ponte para conectar a relação entre educação e o uso do uniforme que

[...] no Brasil iniciou com o objetivo de identificar alunos de acordo com a sua escola e garantir a segurança e a disciplina, além de contribuir para que todos fossem tratados da mesma forma (SCHEMES; THÖN, 2010 p. 2).

Para homogeneizar os alunos, que mesmo com a rigurosidade do uso do uniforme, sempre dão um jeito de customizar as peças, buscando mostrar a sua identidade fora de sala de aula. Quem são? Como vivem? O que gostam de fazer em seu cotidiano que não fazem na escola? Afinal, como disse Paulo Freire (2011) em *Pedagogia da Autonomia*, nós aprendemos com a vivência. Os alunos aprendem

fora de sala de aula, nos corredores da escola, no recreio. E seguindo este pensamento, faz com que as experiências que o aluno tem em sua vida, seja usada também no conteúdo da escola para melhor assimilação de respostas e resolução de problemas. Aprender o que se vive e o que é útil (para o aluno), associando-se àquilo que sentem e que podem usar a partir dos conhecimentos obtidos na escola, em casa, por exemplo.

A Moda neste caso, foi o meu elemento para mostrar aos alunos que envolvendo algo que usamos todos os dias, de modo aleatório ou não, podemos mostrar o nosso modo de ser, a nossa moda. E que a arte é que faz possível a diversidade de imagens que se pode usar nos tecidos.

Em entrevista o estilista brasileiro Jum Nakao aborda a relação entre Moda e Arte em seu trabalho.

Acredito que exista uma forte ligação entre moda, ambiente (interiores) e artes, porque a moda é a relação da pessoa com o seu entorno e para mim, o trabalho criativo está em formar e transformar pessoas (ANDRADE, 2009, p. 164).

E creio que é também possível educar através das vivências dos alunos, estampadas em suas roupas como a transformação que Jum Nakao se referiu.

As roupas mostram parte da personalidade do ser. É a arte na educação

[...] como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e do desenvolvimento individual. Por meio da Arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, aprender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a realidade que foi analisada (BARBOSA, 2007, p. 18).

É uma visão bastante libertadora para os professores ao mesmo tempo em que os alunos sente-se respeitados por terem espaço para desenvolver sua criatividade.

Ao envolver um tópico pouco usado em salas de aula, busquei conceitos que me ajudassem a explicar o que eu penso, com ajuda de grandes educadores e sociólogos, afim de mostrar a possibilidade concreta da proposta. Becker (1982) define arte como sendo uma forma de cultura que é produzida num sistema coletivo ativo. Moda (*fashion*) é o termo usado para diferenciar a tendência, a roupa produzida em massa, de uma moda (*fad*). Aqui no Brasil temos a mesma palavra

para significados diferentes sobre o mesmo símbolo, roupas. Assim como Becker conceitua sobre a Arte, a Moda também é uma ação coletiva. Há sempre uma interação entre os indivíduos que as produzem, pois

[...] enquanto indivíduos – como seres individuados, que defendem e constroem sua singularidade, e dando, através de nossos atos de resistência, um sentido a nossa existência (VERONESE; LACERDA, 2011, p. 422).

Entendo que, nos tornamos sujeitos quando escolhemos o que podemos vestir, assim como, nos tornamos sujeitos quando aceitamos nosso ideal. Essa perspectiva encontra consonância com os ensinamentos de Freire (2011) sobre o respeito aos saberes do educando, que inclui também suas escolhas, suas próprias modas.

Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos [...] por isso mesmo pensar certo (em termos críticos, é uma exigência que os momentos do ciclo gnosiológico vão pondo à curiosidade que, tornando-se mais e mais metodicamente rigorosa, transita da ingenuidade para o que vendo chamando de “curiosidade epistemológica”. [...] curiosidade ingênua que resulta [...] um certo saber, não importa que metodicamente rigoroso [...]. Pensar certo [...] do ponto de vista do professor, tanto implica respeito ao senso comum no processo de sua necessária superação quanto o respeito e o estímulo à capacidade criadora do educando.) coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela saberes socialmente construídos na prática comunitária (FREIRE, 2011, p. 29).

Em seguida, Freire faz uma série de perguntas sobre porque não usar “tal” assunto para explicar aquilo ou isto, assim como as perguntas que fiz anteriormente sobre inserir moda como um meio. Pois concordamos que “por que não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?” (FREIRE, 2011, p. 30).

2.3 Educação em arte visuais – incentivo

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), na área reservada a educação artística, há uma série de diferentes maneiras de como a arte pode ser ministrada nas escolas.

Conhecendo a arte de outras culturas, a aluno poderá compreender a relatividade dos valores que estão enraizados nos seus modos de pensar e agir, que pode criar um campo de sentido para valorização do que lhe é próprio e favorecer abertura à riqueza e à diversidade da imaginação humana. Além disso, torna-se capaz de perceber sua realidade cotidiana mais vivamente, reconhecendo objetos e formas que estão à sua volta, no exercício de uma observação crítica do que existe na sua cultura, podendo criar condições para uma qualidade de vida melhor (BRASIL, 1997, p.14).

Ora, até mesmo do material fornecido pelo Ministério da Educação (MEC), incentiva os professores a olhar além dos horizontes da escola e romper as barreiras que, muitas vezes, são mantidas. Barreiras defendidas, que para alguns educadores, interferir na arte do aluno pode acabar com a “genuína e espontânea expressão [...]” (BRASIL, 1997, p. 20). Contudo, creio que ao deixar os alunos fazerem suas atividades “por fazer” e não mostrar-lhes o que já foi feito antes com o intuito de expansão criativa, gera um imenso enclausuro mental e isso autolimita a inteligência dos alunos.

Ao denegar a história da arte e deixar os alunos inacessíveis de como a arte está presente desde os primórdios da humanidade, faz com que ela (arte) seja banal e “inútil”, nas visão dos alunos. Eles não sabem da importância se ninguém os explica, ninguém para lhes mostrar as correlações entre arte e as demais áreas de conhecimento obrigatórias na escola. E foi exatamente o que um de meus colaboradores falou: “É superinteressante esse tipo de atividade na escola, desperta a criatividade de outras disciplinas” (Colaborador Mariana, encontro realizado em 12 maio 2015). E então, juntando estes fatos, ainda me inquieta a ligação da atividade prática e o novos caminhos que podemos seguir para a educação em artes. E para essa resposta, encontro em Barbosa (2007) argumento que aponta que

Somente a ação inteligente e empática do professor pode tornar a Arte ingrediente essencial para favorecer o crescimento individual e o comportamento de cidadão como fruidor de cultura e conhecedor da construção de sua própria nação (BARBOSA, 2007. p. 14).

Entendo que, para que os alunos possam expandir seus conhecimentos, o professor tem que ir além dos conteúdos programados habituais, utilizando experiências próprias, estimulando a criatividade e questionamentos num processo de troca, entre o professor e aluno. Este argumento de Barbosa (2007) explica a importância do professor e da educação de artes nas escolas, pois esta favorece o crescimento do sujeito, nutrindo o conhecimento sobre a cultura de cada um. Ao incentivar a troca de conhecimentos entre professor e aluno, correlacionado ao argumento de Barbosa (2007), com os ensinamentos de Freire (2011), os quais colocam as experiências pessoais dos alunos como fruidoras de conhecimento e compartilhamento de vivências, como um caminho para compreender o que é ensinado em sala de aula. Pois ir contra a experiência dos alunos “transgrida os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência (FREIRE, 2011, p.60). Com estes incentivos vindos dos educadores, adicionando as diretrizes do PCN sobre educação artística, senti liberdade para seguir com uma proposta pedagógica mais liberta e que respeite a criatividade e o conhecimento dos alunos.

3 EDUCAÇÃO&MODA&ARTE – uma proposta pedagógica

Minhas ideias vêm de repente, às vezes ocasionadas por experiências, outras vezes são decorrentes de alguma referência de leitura. Foi justamente nesse movimento entre experiência e leitura que surgiu a ideia de realizar uma oficina interativa que envolvesse os conceitos de moda e arte no contexto da educação.

Considerei para isso o princípio proposto por Barthes (2009) quando diz que somos o que vestimos, portanto, na escola, na rua, em casa ou no trabalho a moda se faz presente, considerando-se que a roupa seria o significante, a moda o significado e as estampas os símbolos. Então, quando observamos um grupo de pessoas que usam roupas parecidas, pensamos que as mesmas agem também de maneira semelhante. Isto seria uma possibilidade? Talvez. Penso que não existem, respostas prontas, mas o que existe de fato é a busca por experiências que possam traduzir-se em possíveis caminhos. Segundo Pires,

A moda é uma importante área de produção e expressão da cultura contemporânea. Tanto apresenta reflexos e referências da sociedade quanto dos usos e costumes do cotidiano. A dinâmica da moda permite refletir, criar, participar, interagir e disseminar estes costumes. Portanto, o desenvolvimento e a expressão da moda ocorrem a partir das Inter-relações entre a criação, a cultura e a tecnologia, bem como dos aspectos históricos, sociopolíticos e econômicos (PIRES, 2008, p. 37).

Pensando nisto, propus uma oficina interativa que envolvesse os conceitos de moda e arte para um grupo de alunos (figura 9). Meu objetivo estava circunscrito em pensar a moda como uma expressão da cultura e do cotidiano daqueles adolescentes. Possivelmente, essa experiência tornaria o contexto escolar mais prazeroso, assim como, o entendimento de alguns conceitos como cor, forma, moda e estampa também seriam contextualizados a partir da história da arte e da moda. Informações que aparentemente poderiam parecer simples em um primeiro momento, seriam levadas à discussão pelo grupo de adolescentes, principalmente, quando foram questionados sobre o sentido da moda, sua importância no cotidiano e em nossa vida.



Figura 9 – Grupo reunido antes da criação.

Quando indaguei os alunos sobre a importância da arte na escola, seu reflexo no cotidiano e como estudavam arte, estranhamente ouvi respostas como: “*Artes não serve para nada! Nada do que faço ou gosto tem artes no meio*”. Foram respostas difíceis para uma pessoa prestes a se tornar professora. Percebi naquele momento que o meu trabalho como futura docente seria desafiante. Segui em frente, mantive o meu objetivo que era mostrar como a arte e a moda poderiam estar presente, tanto no cotidiano como na vida escolar de cada um daqueles adolescentes, porque acredito que “o que importa neste e em qualquer trabalho de arte, de criação, é a sua capacidade transformadora” (ANDRADE, 2009, p. 164).

3.1 Idealização da oficina pedagógica na escola

O campo da arte estabelece interfaces com diversas áreas do conhecimento. Aprimora habilidades, estimula a criação e exercita a imaginação, principalmente, quando pensamos nas diferentes linguagens que estimulam à percepção do mundo, além de favorecer a expressão perante toda sociedade. Segundo Pires (2008, p.48),

A arte, seus princípios e sua linguagem são importantes para a criação, seja em qual esfera ocorrer, seja a criação em moda, seja a criação em design. A partir da concepção, do ato criador, é que o projeto se desenvolve e corporifica em produto ou peça.

É a partir dessa proposição que busca entender a arte e sua criação, assim como, sua interface com outras áreas do conhecimento que surge essa proposta de interação entre a moda&arte na escola. Algumas perguntas tangenciam minha proposta: A moda tem muitas conexões com as artes, porém como estas conexões podem ser entendidas na prática? E como entender estas conexões na educação em artes visuais? Com estas perguntas em mente, elaborei uma oficina pedagógica que pudesse direcionar os meus estudos na execução da minha pesquisa de conclusão de curso. A referida oficina pedagógica ocorreu na escola Centro de Ensino Médio Julia Kubistchek - CEM 01 da Candangolândia com o objetivo de entender as relações entre moda&arte a partir da compreensão dos alunos.

Nesse sentido, os alunos foram considerados como colaboradores da oficina. A seleção foi feita de modo aleatório, com alunos do terceiro ano do ensino médio, os quais se habilitaram a participar de forma espontânea, interessando-se pelo objetivo do projeto. Fui previamente a escola para fazer o convite explicando os meus objetivos aos alunos e também a coordenação da escola, que se mostrou bastante receptiva com a proposta pedagógica.

Foram convidados dez alunos, entretanto apenas oito compareceram. Dos oito alunos, três são meninas e cinco são meninos. Fiquei surpresa com a maioria masculina, sendo que geralmente a moda está ligada ao universo feminino ou é mais comum encontrarmos pessoas do sexo feminino interessadas neste assunto. Os alunos foram reunidos em dois encontros específicos, onde vivenciaram conversas sobre arte e moda, trocaram ideias e por fim, executaram uma atividade prática e pedagógica, interagindo a partir de um artefato de vestuário comum e habitual: uma camiseta branca.

Meu objetivo ao escolher uma camiseta branca como base para uma criação artística foi usar o conceito de Roland Barthes (2009) sobre estampas. A oficina pedagógica funcionou como um meio para pensarmos em como “o ensino da Arte deve enfatizar igualmente tanto a vivência de processos quanto a aprendizagem que daí advém, a realização de trabalhos artísticos e a construção cultural” (BARBOSA, 2007. p. 120). Neste aspecto, a oficina buscou a interação dos processos e experiências que são vividos pelos alunos no cotidiano, com a possibilidade de aprendizagem em artes que decorre, justamente, nessa dinâmica que envolve estampar sua própria camiseta. Esse processo artístico repercutiu questões culturais

advindas da visão de cada aluno, concernentes com a realidade e o cotidiano de cada um, já que escolher uma estampa própria envolve uma vivência particular, uma criação livre (figura 10).



Figura 10 – Momento de criação das estampas. Concentração e delicadeza.

4 O CONTEXTO DA PESQUISA – aspectos metodológicos

4.1 Apresentação

A oficina foi realizada em dois dias, no turno contrário às aulas dos alunos. Cada encontro com duração de três horas. O objetivo centrou-se na perspectiva teórica e prática, sendo que a parte prática foi o foco da minha interação com os alunos.



Figura 11 – Momento de criação das estampas a partir de uma camiseta branca.



Figura 12 – momento de criação e descontração entre o grupo.

Na preparação da atividade, eu tinha pensando em fazer uma apresentação de slides para apresentar o conteúdo sobre moda, porém cairia na mesma rotina que eles conhecem e eu queria fugir disso. Freire (2011) disse que “o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento. Sua aula é um desafio [...] (FREIRE, 2011, p. 86)”. Seguindo este preceito, resolvi fazer uma “roda de conversa” para estabelecer o diálogo a respeito das suas experiências e interagir com os outros participantes. Nessa roda de conversa inicial apresentei alguns conceitos sobre moda, estampa e também outras questões que envolviam a arte na escola. Para Warschauer (1993), a roda possibilita que todos se olhem o que proporciona um momento de socialização onde se pode, falar, ouvir, refletir, trocar ideias. Nessa dinâmica também foi possível à apresentação de alguns livros ilustrados sobre moda, para os alunos pudessem observar a evolução das vestimentas e entender um pouco sobre as estampas. Os livros escolhidos foram “Historic Costume – From Ancient Times to the Renaissance” de Tom Tierney e “História Ilustrada do Vestuário”, uma organização de estudos de

Auguste Racinet e Friedrich Hottenroth por Melissa Leventon¹⁰. Ambos são ilustrados e mostram em cronologia a história da moda no decorrer dos anos, especificamente desde a era paleolítica até ao final do século XIX. A minha intenção foi mostrar como e quando a moda tornou-se Moda e como a estampa teve um papel importante no desenvolvimento da história tanto da arte, como na própria Moda.

A arte clássica influenciou a representação do corpo vestido na pintura e na escultura ocidentais durante muito tempo. Entretanto, nosso interesse e conhecimento atual sobre a Antiguidade são tributários, principalmente, da intensa valorização da cultura greco-romana pela filosofia iluminista e pelas descobertas arqueológicas no século XVIII. Os originais e as reproduções de pinturas e esculturas descobertas no fim desse século incentivaram a primeira grande retomada – seguida de muitas até hoje – do vestuário clássico como inspiração para moda (LEVENTON, 2009, p. 13).

De acordo com Leventon, foi a partir da arte clássica que muitas associações foram realizadas, sobretudo no campo da representação do corpo, inicialmente na pintura e escultura, para posteriormente influenciar outras vertentes artísticas, no caso a Moda. Apontei para os colaboradores da pesquisa a importância do estudo da arte clássica, sendo um dos principais movimentos da história da arte nas escolas, porque do entendimento desse período derivam outras associações. Os alunos colaboradores que participaram da oficina confirmaram que grande parte dos estudos em sala de aula foram sobre a arte clássica – movimento que o grupo ponderou que já estava sendo estudado por muito tempo nas aulas de arte. Com esta informação, comentei com o grupo que este conhecimento, então, poderia ser utilizado como inspiração para outros estudos, assim como foi para a Moda. Argumentei, inclusive que o próprio corte imperial e o caimento do tecido dos vestidos femininos da era clássica, foram repaginados das vestes gregas (BRAGA, 2008).

¹⁰ LEVENTON, Melissa. (Org.). História Ilustrada do Vestuário. São Paulo: Publifolha, 2009.
TIERNEY, Tom. Historic Costume: From Ancient Times to the Renaissance. New York: Dover Publications, 2003.



Figura 13 – Moda feminina da Era Clássica Imperial francesa c. 1790 ao século XIX. (Disponível em: <http://www.pemberley.com/janeinfo/dancdres.jpg> Acesso em 03 de junho de 2015).



Figura 14 – Indumentária feminina grega c. 600-480 a.C. (Disponível em: <http://style2designer.com/wp-content/uploads/Ancient-Greece-Clothing.jpg> Acesso em 03 junho de 2015).

O quadro abaixo sintetiza a dinâmica ocorrida nos dias de encontro com os alunos colaboradores.

1º dia	2º dia
I. Apresentação dos alunos; II. Apresentação do projeto e objetivos; III. Explicação sobre conceitos de moda e Moda de Roland Barthes; IV. Debate sobre estampas, vivências pessoais e livre arbítrio para escolha de roupas na escola; V. Conversa sobre o que estudaram em Educação Artística na escola. VI. Exposição do livros escolhidos.	I. Debate sobre os resultados; II. Debate sobre escolhas similares entre amigos; III. Explicação sobre a vivência como experiência para educação; IV. Exposição dos trabalhos prontos.
i. Distribuição dos materiais; ii. Desenvolvimento das camisetas; iii. Debate sobre temas e técnicas para confecção da obra.	i. Continuação da produção das camisetas.

4.1.1 Primeiro dia de interação pedagógica

No 1º dia de interação pedagógica os alunos estavam bem tímidos. Eu também estava acanhada e então para criar um momento propício ao diálogo, questionei o grupo: *“O que vocês entendem por moda?”*

O aluno colaborador Lucas respondeu que moda é vestir o que a televisão e a revista mostram. A aluna colaboradora Clara respondeu que ela não entende moda, pois não segue tendências. Como somente os dois responderam, resolvi intervir com a explicação da palavra moda, segundo o dicionário Michaelis (2002) que previamente citei. Outrossim, seguindo os conceitos já mencionados, se moda é modo, então *“porque não seguir o nosso modo?”*, perguntei abertamente ao colaboradores. Eles ficaram pensativos sobre o assunto. Foi nesse momento que mencionei a obra de Roland Barthes para o grupo, sobre o sistema de moda.

Para Barthes (1978), o Sistema da Moda deveria ser definido como um conjunto de relações simbólicas derivado das múltiplas combinações e substituições possíveis entre os diferentes itens. As convenções do sistema da indumentária tentam transformar o corpo em algo reconhecível, digerível dentro do sistema cultural de uma época. Na moda esse código é insuficiente, não há significados fixos, são efêmeros, cambiantes, dinâmicos, talvez mais do que em outra área (PIRES, 2008, p. 103).

Conforme Barthes (2009) um grupo de pessoas usam roupas parecidas por estarem em grupos semelhantes, creio que há os que querem ficar de fora do sistema, porém mesmo fora de algum grande sistema, há sempre um sistema menor que se encaixa. Uma das meninas participantes da oficina, colaboradora Mariana, é dona de uma chamativa cabeleira laranja e identifiquei esta moça como alguém que está fora do sistema popular de Moda. Perguntei para ela se sentia, de alguma forma, diferente por seguir a própria “moda/modo” e ela respondeu que sim, mas é o que ela almeja. Nesse momento, lembrei-me de quando eu era adolescente, muito parecida com a colaboradora nas vestimentas e estilo de cabelo ousado. E como já estávamos mais descontraídos em nossa roda de conversa, perguntei-a diretamente: será que temos algo em comum? “(Risadinhas) - Sei lá.” (Colaboradora Mariana, encontro realizado em 12 maio 2015)

Nesse momento da atividade, reporte-me a ideia que a moda é objeto privilegiado, justamente, pela associação construída com o modo de ser e estar dos sujeitos. Nesse sentido, “a moda, não sendo mais considerada apenas como ‘manifestação’ de vestuário, [mas] como simples satisfação das necessidades pessoais” (PIRES, 2008, p. 224), permite que eu reflita sobre o modo de ser da colaboradora Mariana, que procura sua moda/modo ao ter o seu cabelo laranja e seus acessórios, ela manifesta uma satisfação pessoal, um interesse particular próprio e individualizado perante o grupo (figura 15). Para a Mariana “A moda é individual, diferentemente da tendência, é o que faz um indivíduo” (encontro realizado em 12 maio 2015).



Figura 15 – A colaboradora Mariana (de cabelo laranja) em processo de interação com o grupo.

Quando percebi que o grupo estava mais à vontade e mais participativo, expliquei sobre o momento que a Moda surgiu, no aspecto que conhecemos hoje – de seguir tendências.

Muito comum para a moda entre os meados dos séculos XIV e XV, especialmente para os homens, foram os sapatos de bico pontudo, significando grau de nobreza. Quanto maior o título do indivíduo, maior era a permissão de usá-los com bicos extremamente pontiagudos.

A aristocracia desse período já não fazia mais em casa as suas roupas, mandando elaborá-las os mestres alfaiates das cidades.

Esse momento do final da Idade Média e princípio do Renascimento foi de extrema importância para a história da indumentária, visto ter sido nessa passagem cronológica que surgiu o conceito de moda. [...] uma vez que os nobres locais se incomodavam com as cópias de suas roupas por uma classe social mais abastarda, os burgueses [...].

Aí está o conceito de moda numa acepção mais próxima da nossa realidade. Surgiu como um diferenciador social, diferenciador de sexos (tendo em vista que as roupas masculinas se encurtaram e as femininas permaneceram longas) pelo aspecto de valorização da individualidade e com o caráter de sazonalidade, ou seja, um gosto durava enquanto não era copiado, pois, se assim acontecesse, novas propostas suplantariam as, então vigentes (BRAGA, 2007, p.40).

Os nobres não queriam ser copiados ou simplesmente, queriam apenas se diferenciar dos demais. É bem interessante ver que a procura por ser diferente e ser destaque, também entra no sistema da moda proposto por Barthes – o grupo que procura ser único – e então este grupo de pessoas se “unem” por sua vontade de ser diferente, assim como a colaboradora Mariana, ou como qualquer outro sujeito que busca ser diferente da massa escolar uniformizada.

Quando iniciamos a parte prática da oficina, o grupo de colaboradores já estava bem à vontade uns com os outros e com minha presença. Levei tintas de tecido em várias cores, paetês, lantejoulas, fitas, lãs e arames para a produção das peças. No início da atividade os alunos ficaram perdidos com todos os materiais que ofereci e também sobre o que iriam fazer em suas camisetas. Uma vez decidido o que fazer, percebi que a alegria no rosto de todos cintilou. Durante a atividade, eles falavam coisas engraçadas do cotidiano na escola, sobre músicas, sobre colegas e outras situações vividas por cada em particular. Considerei pertinente somente ouvir sem intervenções ou perguntas, pois a conversa entre os alunos fazia parte do processo criativo que envolvia a produção das estampas nas camisetas. Em um dado momento o colaborador Lucas evidencia um comentário: “É uma ótima atividade que deveria ser feita com frequência na escola. O tema abordado é ótimo e adorei todo processo de criação da camiseta” (encontro realizado em 12 maio 2015).



Figura 16 – Momento de produção.

Como um dos objetivos de minha pesquisa é participar com os alunos na produção das camisetas, me reuni lado a lado com os colaboradores para efetivamente vivenciar essa experiência, pautada nas interações e discussões sobre o papel da estampa no contexto da moda. Entendo também que essa perspectiva de pesquisa, como orientação metodológica pautada no viés da pesquisa-ação, permite ao pesquisador inserido no contexto da educação, mesmo que parcialmente, compreender os mecanismos de produção de subjetividades, inclusive a nível pedagógico (THIOLLENT, 2007). Essa compreensão visa contribuir para o esclarecimento das microssituações escolares e para a definição de objetivos de ação pedagógica e de transformação do cotidiano escolar, sobretudo, quando considera-se o campo da educação em arte como mediador desse processo.

4.1.2 Segundo dia de interação pedagógica

Este dia foi mais tranquilo para terminar as produções e discutimos sobre os resultados. Os colaboradores estavam com suas produções quase completas. Eles estavam confiantes, mais participativos e decididos com suas estampas. A estudante Mariana, a qual o professor de Educação Artística da escola havia me falado que não é uma menina participativa, estava bem comunicativa, construindo

diálogos e interagindo durante todo o tempo com a atividade. “É superinteressante esse tipo de atividade na escola, desperta a criatividade, diferente de outras disciplinas” (Colaboradora Mariana, encontro realizado em 13 maio 2015).

A colaboradora Fernanda também estava confiante na atividade. “Foi uma oficina diferente e divertida, mostrou como pode ser legal aprender novas formas de arte” (encontro realizado em 13 maio 2015).

Foi gratificante ver a alegria dos alunos com a realização do projeto. A confiança que eles apresentaram ficou estampada nas camisetas.

Formulei um questionário para os colaboradores responderem, para ouvir a opinião deles sobre a oficina. O documento foi entregue quando terminamos a parte prática. Neste momento o grupo ficou pensativo e concentrado em responder as perguntas, pois muitos disseram o quanto é difícil falar do processo criativo.

Nos reunimos novamente após o questionário para discutirmos e foi muito interessante observar as correlações entre os resultados e os colaboradores, notei que:

- As três meninas fizeram gatos – são amigas e amam gatos. Elas não planejaram entre si.
- Dois meninos fizeram sobre uma banda – são amigos e acredito que combinaram, mas enfim, fizeram porque gostam da mesma banda.

Os demais optaram por realizar estampas mais individualizadas, porque sentiram alguma inspiração naquele momento ou simplesmente optaram por alguma imagem que chamou atenção, como o colaborador Jecivaldo que respondeu a questão de como foi o processo criativo dele com algo em que viveu. “Foi difícil, não sou bom em desenho. Férias, criei algo que sempre costumo ver nas minhas férias” (encontro realizado em de 13 maio de 2015). E sua estampa foi uma paisagem de praia.

A Fernanda, que é mãe adolescente, teve a filha como inspiração. “Como qualquer criação, as ideias demoram a vir, mas minha maior inspiração foi minha filha” (encontro realizado em 13 de maio de 2015). A criança estava presente durante o nosso encontro e pedia para a mãe usar as cores que ela escolhia. Fernanda seguiu os pedidos da filhinha.

Na reunião para discutir os resultados, os colaboradores foram categóricos em dizer que gostaram de ver as semelhanças entre eles estampadas nas camisetas. Foram criativos, embora tímidos em ousar no projeto. Levei em consideração as vivências de cada um e enquanto fazíamos a atividade, procurei ser atuante e mostrar minhas experiências também. Não me impus com nenhuma regra e estimei o pensamento dos alunos com perguntas e atendi a qualquer dúvida técnica que tiveram durante o projeto. Apesar de não ter focado em conceitos da história da arte em específico, busquei em Gombrich (2000) algumas considerações para fazer a base dos dados cronológicos da indumentária. Por isso selecionei colaboradores do terceiro ano, pois com o curto tempo para aplicar a pesquisa na escola, decidi por alunos com formação em educação artística já no final do ensino médio, assim eles poderiam opinar sobre a moda e arte para produzir suas próprias estampas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atino que Barthes foi sensato ao discorrer que pessoas parecidas usam roupas parecidas. Conclui que podem pensar de forma parecida também – a menina do cabelo laranja, a Mariana, tinha o mesmo toque no celular que o meu. Fiquei impressionada com esta coincidência, pois no início da oficina, eu havia perguntado para esta mesma aluna, se tínhamos algo em comum por existir uma semelhança entre nós, especialmente quando eu tinha a mesma idade. Somos pessoas que queremos estar de fora do grande sistema da Moda, mas nos identificamos com nossa própria moda.

Gostei do processo criativo de cada aluno, e muito mais, quando me pediram ajuda em algumas dúvidas e até mesmo conversaram sobre o futuro. Notei o receio deles em extravasarem nas criações, mesmo com a liberdade que foi dada e tantos materiais oferecidos. Talvez seja receio de mostrarem o eu interior a uma estranha ou mesmo, um medo de se mostrarem para o mundo. Foram participativos, honestos e receberam positivamente os conceitos sobre o sistema da moda de Roland Barthes, mesmo sendo um nome novo para eles.

Falaram do uso do uniforme, que são “iguais” na escola e que isso é meio chato para eles. Que de alguma forma tentam ser diferentes em seu dia a dia. Usaram muita a palavra cotidiano e vivência para expressar suas experiências. Foi gratificante observar a mocinha que é considerada séria e não participativa na escola (algo propriamente dito pelo professor da escola), integrando a atividade proposta. Conversou, se abriu e amou concluir o projeto. Senti-me vitoriosa com esta pequena conquista.

Coloquei-me ao lado deles, participamos de forma interativa, fazendo-os se sentirem confiantes e espontâneos comigo. Tentei mostrar que é possível aprender, ao mesmo tempo em que se pode ensinar. Incluindo-me como pesquisadora, como sujeito, procurando a própria “moda”. Acredito ser importante mostrar que somos singulares e não somente como aqueles que regem impondo – em forma de regras e despejando conteúdo sem ligações com a vida que temos, com o que passamos diariamente.

O professor de artes da escola (que leciona música) ficou bastante admirado com o desenvolvimento teórico e metodológico da oficina. Ele nunca ouviu falar de Barthes e não conhecia os ensinamentos de Freire de forma mais abrangente. Ficou interessado e gostou de saber que a moda é composta por sistemas e que estamos dentro de grupos por nossas escolhas, como também podemos estar fora do sistema da grande massa.

Respeitar a criatividade de cada um, também foi um fator muito importante para que esta pesquisa tenha sido tão positiva. Mesmo que o grupo não tenha extravasado nas criações, o resultado da obra de cada um foi resultado da experiência dos mesmos. Não há errado, não há simples, todos foram igualmente criativos em suas possibilidades.

O meu objetivo foi analisar as possibilidades interativas de uma proposta pedagógica no contexto educativo, assim como, aplicar conceitos sobre a Moda e a educação em artes visuais na escola, observando que é um assunto presente no cotidiano e que muitos não percebem a ligação entre estes dois assuntos.

ANEXO 1 – termo de consentimento e autorização para pesquisa

Termo de Consentimento e Autorização para Pesquisa

Eu, _____ responsável pelo aluno(a) _____, declaro para os devidos fins, que concordo com a participação na pesquisa, autorizando a aluna de graduação *Cristina Sampaio Conde, matrícula 09/92259* a realizar atividades pedagógicas no contexto escolar como parte do trabalho de conclusão de curso em Licenciatura em Artes Plásticas da Universidade de Brasília. Estou ciente de que a pesquisa visa registrar atividades, comentários e percepções de um grupo de alunos(as) das turmas A, B, C do ano 3º do Colégio Centro de Ensino Médio Júlia Kubistchek – Candangolândia. A pesquisa objetiva fazer uma oficina prática em artes plásticas com duração de 2 dias, com cerca de 5h cada encontro. Estou igualmente ciente de que estes objetivos serão buscados através de observação, anotações, gravação de áudio e registros em fotos do ambiente escolar, bem como, do desenvolvimento da pesquisa.

Observações:

- O estudo não tem fins lucrativos;
- As informações prestadas serão confidenciais;
- Será mantido o anonimato do participante através da proteção de seu nome e alteração da imagem;
- A participação será voluntária;
- A qualquer momento o colaborador pode cancelar sua participação comunicando esta decisão ao responsável pela pesquisa.

Campus Universitário Darcy Ribeiro, maio de 2015.

Responsável pelo aluno(a)

Pesquisador

APÊNCIDE 1 – camisetas estampadas durante a interação pedagógica

Camiseta do Jonathan – “Fiquei orgulhoso do resultado, além da camiseta, aprendi mais sobre a história da arte.”



Camiseta do Jecivaldo – “Foi difícil, não sou bom em desenho. Férias, criei algo que sempre costumo ver nas minhas férias.”



Camiseta da Clara – “Ficou ótimo, modéstia à parte. No começo foi difícil, mas depois fundamentei meu desenho em algo que gosto bastante.”



Camiseta da Mariana – “Foi relaxante e minha inspiração foi minha paixão por gatos e cores. Gostei muito, essa sensação de trabalho concluído não se encontra todos os dias na escola.”



Camiseta da Fernanda – “É uma forma de aprender e se envolver com total vontade.”



Camiseta do Lucas – “Foi um processo que envolvia muita criatividade, foi algo prazeroso de se fazer. A minha maior inspiração foi a música, fiz a camiseta inspirado em uma banda.”

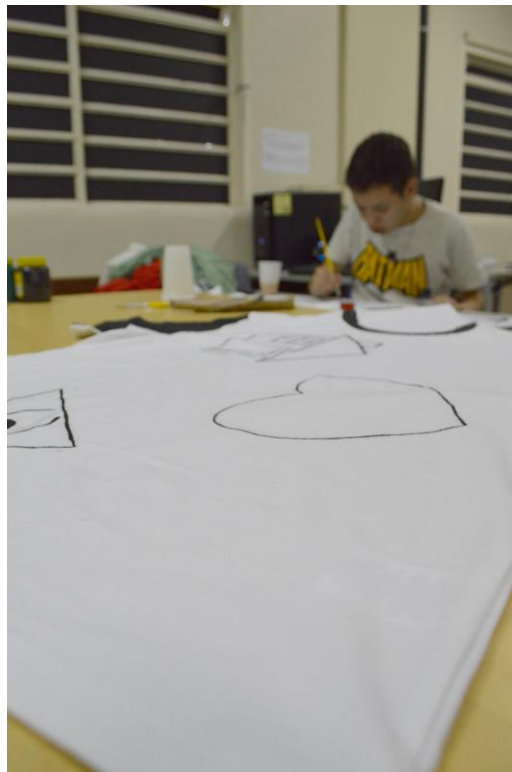


Camiseta do Gustavo – “Foi um pouco difícil mas minha inspiração foi meu time do coração.”

APÊNCIDE 2 – registros do processo de interação pedagógica



Aluna Fernanda com sua criação. Professor de artes da escola ao fundo.



Detalhe da camiseta de Lucas em processo com Jonathan concentrado ao fundo.



Papel usado para teste de cores.



Detalhe dos materiais.



Grupo produzindo.



Grupo interagindo.



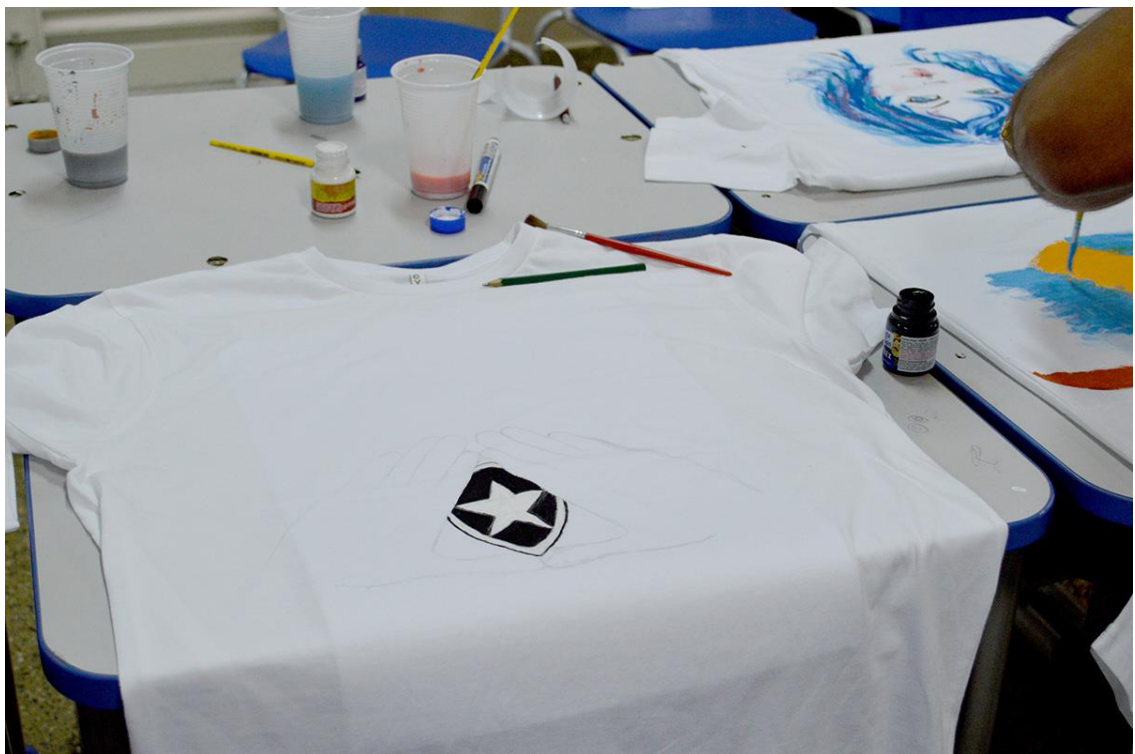
Detalhes 1



Detalhes 2



Detalhes 3



Detalhes 4



Fusão de cores no olho produzido por Mariana.



Tintas usadas pelos alunos.



Pausa para tinta secar.



Estampas em produção.

APÊNCIDE 3 – Roteiro para questionário

Reflexões sobre a Oficina

1-Comente sobre a nossa atividade.

2-Você experimentou outras atividades como esta na escola?

3-Fale sobre o tema abordado.

4-O que você pensa sobre contextualizar suas próprias experiências ao aprendizado da escola?

5-Como foi o processo de criação de sua camiseta? Quais foram suas inspirações?

6-Fale sobre o resultado final da atividade.

7-Como você percebe a moda associada com as experiências de vida?

8- Comente sobre a relação entre arte e moda para você.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Rita. Jum Nakao: design de moda entre enredos e desenredos. **Revista UFG**, Ano XI, nº 7, dez. 2009.

BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 3. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2007.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012. (Coleção Debates).

BARTHES, Roland. **Sistema da moda**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. 1. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

BRAGA, João. **História da Moda**: Uma narrativa. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

DURAND, José Carlos. **Moda Luxo e Economia**. São Paulo: Babel Cultural, 1988.

ERNER, Guillaume. **Vítimas da moda**: Como a criamos, por que a seguimos. São Paulo: Editora SENAC, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GECZY, Adam. KARAMINAS, Vicki (Org.). **Fashion and Art**. London: Berg, 2012.

GOMBRICH, E. H. **A história da arte**. Rio de Janeiro: LTC, 2008

LAVIER, James. **A roupa e a moda**: Uma história concisa. São Paulo: Companhia das letras, 1982.

LEVENTON, Melissa. (Org.). **História Ilustrada do Vestuário**. São Paulo: Publifolha, 2009.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MORRIS, Justin. **History of Embroidery**. 2009 Disponível em: <<http://www.fibre2fashion.com/industry-article/19/1891/history-of-embroidery1.asp>>. Acesso em: 30 maio 2015.

PIRES, Doroteia Baduy (Org.). **Design de moda**: Olhares diversos. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.

PIRES, Dorotéia Baduy. A história dos cursos de design de moda no Brasil. **Revista Nexos**: Estudos em Comunicação e Educação. Especial Moda/Universidade Anhembi Morumbi – Ano VI, nº 9, 2002.

SANTAELLA, Lúcia. **(arte) & (cultura)**: Equívocos do elitismo. 3. ed. São Paulo: Editora Cortez, 1995.

SCHEMES, Claudia; THÖN, Ida Helena. A moda europeia e o uniforme escolar no Brasil. In: VI Colóquio de Moda, 2010, São Paulo. **Em Moda Escola de empreendedores**. São Paulo: Anhembi Morumbi/FAPESP, 2010. v. 1. p. 1-12.

SOUZA, Gilda de Mello. **O espírito das roupas**: A moda no século dezenove. São Paulo: Companhia das letras, 1987.

SVENDSEN, Lars. **Moda**: Uma filosofia. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

THIOLLENT, Michel. Metodologia de pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 2007.

TIERNEY, Tom. **Historic Costume**: From Ancient Times to the Renaissance. New York: Dover Publications, 2003.

VERONESE, Marília Veríssimo. LACERDA, Luiz Felipe Barboza; **O sujeito e o indivíduo na perspectiva de Alain Touraine**. Soc. e Cult. V. 14, nº 2, jul./dez. 2011.

WARSCHAUER, Cecilia. **A roda e o registro**: uma parceria entre professor, alunos e conhecimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.